V Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XX Jornadas de Investigación Noveno Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013.

Atendimento psicopedagógico: intervenção em crianças com fobia escolar.

Freitas, Aline Paz.

Cita:

Freitas, Aline Paz (2013). *Atendimento psicopedagógico: intervenção em crianças com fobia escolar. V Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XX Jornadas de Investigación Noveno Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/000-054/431

ARK: https://n2t.net/ark:/13683/edbf/OD0

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org.*

ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO: INTERVENÇÃO EM CRIANÇAS COM FOBIA ESCOLAR

Freitas, Aline Paz
Centro Universitario UNIFIEO. Brasil

Resumen
O presente estudo teve como principal objetivo compreender o processo de aprendizagem de duas crianças portadoras do diagnóstico de fobia escolar - pacientes da Clínica de Psicopedagogia Unifieo. Ambos foram encaminhados para o atendimento clínico com psicopedagogo por apresentar dificuldades na aprendizagem e participaram do atendimento interventivo no período de dois meses, distribuído em oito sessões, que aconteciam uma vez na semana, com duração de uma hora cada. Os dados extraídos da analise do atendimento reuni condições para elaboração de uma reflexão fundamentada em autores que trazem ensinamentos da psicopedagogia. Ao final das sessões consideramos que os sujeitos diagnosticados com fobia escolar podem ter a possibilidade de superar suas dificuldades quando compreendidos pelo meio de interação que o cerca - família e escola, numa perspectiva de atendimento multidisciplinar, consiga a ruptura do processo de estigmatização, originando espaços para novos esquemas, e assim, facilitar a aquisição da aprendizagem.

Palabras clave
Psicopedagogia, Fobia escolar, Intervenção

Abstract
TREATMENT PSICOPEDAGÓGICO: INTERVENTION IN SCHOOL PHOBIA CHILDREN
The present study aimed to understand the learning process of two children with the diagnosis of school phobia - patients Unifieo Psychology Clinic. Both were referred to the clinical for presenting learning difficulties and attended the service in the period intervening two months, divided into eight sessions, which took place once a week, lasting one hour each. The data extracted from the analysis of care met conditions for the preparation of a reflection based on authors who bring teachings of educational psychology. At the end the sessions we consider that subjects diagnosed with school phobia may be able to overcome their difficulties when understood through interaction that about - family and school, in a multidisciplinary perspective, can break the process of stigmatization, leading spaces for new schemes, and thus facilitate the acquisition of knowledge.

Key words
Educational psychology, School phobia, Intervention

O objetivo do estudo foi de estabelecer uma reflexão sobre atuação do psicopedagogo mediante o processo interventivo em duas crianças diagnosticadas com fobia escolar que apresentavam dificuldades na aprendizagem, especificamente na leitura e escrita, que buscaram atendimento na clínica de psicopedagogia da Unifieo.
Alícia Fernandez (2001), diz que "a aprendizagem é um processo que envolve vínculos entre quem ensina e quem aprende. Existe aí uma relação de troca, onde em alguns momentos quem ensina aprende e vice-versa". Ao se tratar de crianças e da aprendizagem, encontram-se possíveis adeptos e indicadores em professores e pais aprisionados pelo excesso da conduta competitiva, busca desenfreada da eficácia e pela chegada ao êxito sem levar em consideração os meios para conquistá-lo.
A fobia escolar pode advir de diversas origens, desde uma predisposição biológica, como a partir de conflitos familiares e na escola. Por ser um processo que muitas vezes surge de um diagnóstico tardio e pela estigmatização, apresentam outras problemáticas na vida desse sujeito, como no caso, dificuldades oriundas de problemas na aprendizagem.
Em sua obra "A inteligência aprisionada" Fernandez (1991), traz o fundamento de como a família pode ser possibilitadora ou produtora de problemas de aprendizagem nos filhos, e na continuidade dessa obra (1994), traz uma reflexão da importância dos professores, no que diz respeito ao papel subjetivante da escola em relação aos alunos, ou seja, fundamentando o papel do professor tanto como agente de saúde na aprendizagem, quanto como desencadeadores de problemas de aprendizagem.
A relevância dessa pesquisa consiste em intervir de maneira que o meio não venha interferir negativamente, mas que permita e favoreça o pensar, aceite as diferenças, em síntese, que favoreça a autoria de pensamento. O "meio" trabalhado pelo diagnóstico psicopedagógico, levando em consideração que nós humanos aprendemos a partir de identificações com nossos ensinantes, é em primeiro momento no ambiente familiar, e depois, no escolar e social, como segundo Vygotsky (1989), que articula dialeticamente esse sujeito em relação ao mundo, que possibilita que ele se desenvolva e se constitua - o homem que transforma e é transformado, sujeito protagonista dessa relação.

MÉTODO

Refere-se a uma pesquisa/intervenção, ou seja, ao mesmo momento que reunimos e coletamos os dados também intervimos na realidade.
Os nomes das pessoas citados no estudo são fictícios, para respeitar sua identidade em obediência à ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) também utilizada na pratica de pesquisas que envolvam seres humanos como objeto de estudo.

PARTICIPANTES

Os participantes da pesquisa foram duas crianças, com idades de 10 e 12 anos, uma do sexo masculino e outra do sexo feminino

respectivamente. Estudantes do Ensino Fundamental II de escolas da Rede Pública do Município de Osasco.

1) Junior tem 10 anos de idade e estava cursando 5º ano do Ensino Fundamental. Seus pais são casados e possui um irmão por parte de sua mãe que tem idade de 17 anos, que reside com sua avó materna. Sua mãe trabalhava em períodos de 12 horas no atendimento de um restaurante e possui o Ensino médio completo. Enquanto seu pai trabalhava durante o dia com sua esposa, com mesma jornada de trabalho, exercendo a profissão de gerente e possui Ensino médio completo.
Junior foi encaminhado pela psicóloga que a princípio alegava que o paciente tinha dificuldades de socialização e problemas de comportamento agressivo. Ao longo do atendimento interventivo fatores biológicos manifestados pelo organismo do paciente levaram ao diagnóstico de fobia escolar, pois apresenta reações de vômitos e manchas pelo corpo. Pedido um posicionamento da escola, foi alegado que ele apresentava dificuldades em reconhecer letras e realizar leitura, consequentemente a escrita, não sendo alfabético.
A entrevista com os pais aconteceu na presença de Junior, sendo possível entrevistar apenas sua mãe, mesmo após consecutivas solicitações de comparecimento ao seu pai. Segundo ela, a gravidez de seu filho não foi planejada, pois ela já era mãe de um filho de outro relacionamento. Porém, ela e o esposo já moravam juntos, mas ainda não eram casados legalmente. No início da gravidez, o casal e familiares de ambos receberam positivamente a notícia, quando descobriu no terceiro mês. Teve uma gestação saudável até o oitavo mês que por uma tensão emocional, não teve seu motivo revelado pela mãe, o paciente nasceu de parto natural. No período que ficou no hospital, ambos contrariam uma infecção hospital, sendo que o bebê respondeu mais rapidamente as medicações, enquanto ela ficou durante aproximadamente dois anos entre internações.
Quanto à amamentação, pelo fato de estar no espaço de terapia intensiva (UTI), e na maioria do tempo sobre efeito de medicação, não possível amamenta-lo. Entretanto, ele recebeu os cuidados dos avós maternos que o alimentaram com leite destinado a cada fase. Os alimentos sólidos foram introduzidos pelos avós com o intermédio do pai, aos sete meses de vida da criança. Quando questionado a mãe sobre a alimentação que gosta de comer, ela respondeu que ele tem preferências por lanches e comidas industrializadas de fácil preparo. Quando indagado, Junior respondeu que gosta de arroz e hambúrguer. A mãe disse que Junior em alguns momentos se alimenta compulsivamente e que precisa pedir para ele para ofertando em troca algum brinquedo ou jogo.
O paciente sentou por volta dos seis meses, engatinhando no mesmo período. Ficou de pé aos um ano e seis meses, apoiando-se nos móveis. Começou a andar sozinho aos dois anos de idade. A mãe disse que ele caia frequentemente e acredita ser esse o motivo, segundo ela, para a demora do andar sem o apoio. Deixou as fraldas aos três anos, com a insistência da mãe.
A sua entrada na escola foi aos seis anos de idade. Anterior a esse período quem cuidava de Junior era sua avó materna, que após a saída dela do hospital, retornou ao trabalho e o deixou aos cuidados da avó. Preferiu não coloca-lo em creches e iniciações escolares. Disse ter sido tranquilo esse período. Desde seus sete anos, os pais o deixam sozinho em casa.
Contudo, relata que o filho apresenta comportamento agressivo desde pequeno durante brincadeiras com outras crianças primos e amigos. Ela ressalta que se agravou durante os anos escolares, no caso, iniciando no 2º ano do ensino fundamental, acreditando que a criança sofra de *bulling* por conta do atraso no processo de alfabetização do filho, que inicialmente reclama aos pais sobre supostas piadas ao seu respeito por parte de outras crianças e professores da escola. Por fim, foi encaminhado para o atendimento psicopedagógico pela Psicóloga que iniciou tratamento a pedido da mãe porque está se rejeitando a ir para a escola e porque a Direção está ameaçando os pais de denunciar ao órgão que responde pelas crianças e adolescentes (Conselho Tutelar da região), como suposta negligência dos pais.
Solicitado o encaminhamento da escola, foi dito pela coordenadora responsável de sua serie, que Junior apresenta comportamento agressivo perante os colegas e funcionários, se nega a falar com os demais e fazer as atividades propostas, isolando-se na sala, fala muitos palavrões e confirmou a fala da mãe ao dizer "Estamos contatando o Conselho Tutelar pela total negligência por parte dos pais quanto às inúmeras faltas do aluno".

2) Julia tem 12 anos de idade, cursando o 3ª ano do ensino fundamental pela terceira vez consecutiva. Seus pais são casados, sendo ela filha única. A mãe é funcionária de uma empresa, trabalhando de cozinheira, tendo cursado até o ensino fundamental. O pai é auxiliar de eletricista, estando desempregado, cursando até o ensino médio completo.
Foi encaminhada para a clínica de psicopedagogia pela escola, devido "defasagem da aluna em relação a sua idade e ao desenvolvimento na alfabetização que se encontra", segundo eles. A entrevista aos pais foi realizada sem a presença de Julia, porém em horários separados devido a disponibilidades deles.
O primeiro entrevistado foi o pai que falou ser o responsável pela escolha do nome da filha, mesmo a gravidez não sendo planejada pelo casal casado legalmente após o nascimento. A mãe ao ser entrevistada acrescentou dizendo ser a única contra a gravidez, aceitando-a após o sexto mês de gestação. Teve uma gravidez tranquila. Julia nasceu de parto natural no nono mês.
A amamentação foi dada apenas no primeiro mês de vida, pois a mãe alega ter sentido dor durante o processo, optando pela introdução de leite de outra origem. Sentou sozinha aos nove meses e deu os primeiros passos aos dois anos. Os pais disseram que durante o processo do andar, Julia cai bastante no chão, até mesmo aos três e quatro anos ela permanecia com as quedas.
A introdução de alimentos sólidos foi aos cinco meses. A mãe relata que Julia desde a fase da alimentação sólida apresenta dificuldades para se alimentar. Julia que possui aparência magra quando questionada diz "não quero gorda" porque sonha em ser modelo. Os pais quando questionados pela fala da filha, permanecem em silêncio. O pai acredita que a filha não aprende porque fora reprovada três vezes, e que por isso, os professores desistiram de ensiná-la. Julia demonstra cansaço excessivo e instabilidade de humor quando se aproxima do horário de ir para a escola.
A entrada na escola foi aos quatro anos na escola que estuda atualmente, numa espécie de período pré-escolar. Desde essa fase permanece no ressinto escolar em período integral. O encaminhamento para a clínica veio por meio da escola, numa carta contendo observações de sua professora e direção pedagógica. A queixa está ao processo de alfabetização de Julia, que não estando "de acordo com os demais", segundo sua professora, dizendo estar preocupada pela permanência da aluna com crianças mais novas na sala de aula, acreditando ser uma desmotivação para Julia.

INSTRUMENTOS

Para auxiliar na interação e vínculo entre paciente e psicopedagogo durante as sessões de atendimento, as atividades interventivas se

ampararam em instrumentos subdivididos em três tipos:

a. Instrumentos lúdicos: Jogos, fantasias, brinquedos em geral e materiais desconstruídos.
b. Instrumentos de manuseio como lápis hb preto, lápis de cor, canetas hidrocolor, borracha, tinta, cola, revistas, apontador, giz de cera, cartolina, tesoura sem ponta, folha pautada, sulfite, contos de fadas, Kraft, fita crepe.
c. Instrumentos de reflexão: livros de histórias, fantasias, instrumentos musicais.

PROCEDIMENTOS

Com duração de uma hora, os atendimentos psicopedagógicos interventivos foram realizados em oito sessões semanais. Os dois pacientes estiveram juntos nas sessões, caracterizado de atendimento clínico em grupo. Na primeira sessão foi promovido o estabelecimento de vínculo entre o paciente e a terapeuta, através da aplicação de jogos. Na segunda sessão foi realizada a sondagem da escrita, com o objetivo de verificação do nível de escrita dos pacientes. Na terceira sessão a consigna utilizada foi escutem os contos e produzam um desenho com o objetivo de trabalhar os conteúdos inconscientes dos pacientes. Na quarta sessão foi entregue argila, com o objetivo de trabalhar o esquema corporal, referente ao empobrecido de contato com objeto dos pacientes. Na quinta sessão foi oferecido aos pacientes tinta para pintura das argilas produzidas na sessão anterior. Na sexta sessão foi realizado o contorno do corpo dos pacientes, com o objetivo de trabalhar o esquema corporal empobrecido dos pacientes. Na sétima sessão os pacientes foram orientados a trazerem fotos pessoais, com o objetivo de ressignificação dos sujeitos e a possibilidade de novos esquemas a partir da autobiografia. Na oitava sessão os pacientes foram encaminhados para a brinquedoteca da clínica com o objetivo de trabalhar a imaginação lúdica empobrecida dos pacientes e construção do álbum da linha do tempo de suas vidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira sessão, foi proposta a consigna aos pacientes Julia e Junior: Vamos jogar? Em seguida, foram propostos alguns jogos para escolha. Junior não escolheu nenhum jogo, dizendo que jogaria qualquer um daqueles a mesa. Julia logo tomou iniciativa e escolheu o jogo dominó para começarmos sob o consentimento de todos, inclusive de Junior que não se opôs. Durante o jogo Junior se perdia na contagem dos números, demonstrando nervosismo ao deixar as peças caírem ao chão algumas vezes. Dirigia-se a Julia, observando a reação que ela manifestava quanto ao seu nervosismo, envergonhado. Porém, ambos conseguiram concluir a atividade do jogo, e ao final, estavam conversando entre si. O ato de jogar é importante, pois:

O jogo pode se tornar uma estratégia didática quando as situações são planejadas e orientadas pelo adulto visando uma finalidade de aprendizagem, isto é, proporcionar a criança algum tipo de conhecimento, alguma relação ou atitude(...) Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: conhecimento de mundo. V.3. Brasília, MEC /SEF, 1998, p.211)

Na segunda sessão, compareceu apenas Julia. Ao aplicar a sondagem da escrita, apresentando a consigna e ditando as palavras, a paciente se mostrou serena para a realização da mesma. Ela utilizou pouco tempo para escrever, não necessitou de borracha para corrigir alguma escolha, decidida na escrita de cada palavra. Foram ditas as palavras: elefante, cachorro, tigre, formiga, rã e na sequência a frase: O elefante pisou na formiga.

Julia escreveu: CTEAM, EAMTOIR, CMIRE, TMRIEVD, HLOA,

Frase: OLCTHFIADL

Julia está no nível pré-silábico. Mesmo apresentando vasto repertório de letras, por já conhecer uma variedade delas, sua leitura é global, sem buscar correspondência entre as partes, cada letra ou símbolo gráfico vale pelo todo. A criança ainda não estabelece uma relação biunívoca entre a fala e as diferentes representações. Ferreiro (1985) diz que nesta fase a criança respeita duas exigências: que a quantidade de letras não pode ser inferior a três e a variedade entre elas não pode ser repetida.

Após o término da atividade, foi sugerido que jogássemos outro jogo e ela concordou. Pediu para jogar outros dois da sessão passada que não havia sido possível jogar na ocasião, mas queria naquele momento. Feito o que pediu, saiu alegre da sessão ao encontro do pai. Ele entregou diagnóstico da filha em Fobia Escolar.

Antes ao inicio da próxima sessão, a mãe de Junior me alertou sobre as reações causadas pela fobia desenvolvida por ele, como visíveis manchas pelo corpo, vômitos, náuseas, em seu caso, agressividade com seus pais e contra si. Foi estabelecido um acordo com ele que estava se negando a uma semana em ir para escola, alegando ser agredido fisicamente e verbalmente pelos colegas e funcionários da escola. Foi solicitado encaminhamento para atendimento psicológico. Junior obteve diagnóstico pela profissional de fobia escolar.

Na terceira sessão foi realizada a leitura dos contos de fadas Branca de Neve e João e o Pé de Feijão. Para a atividade do desenho após a leitura das histórias, Julia escolheu Branca de Neve e o Junior escolheu desenhar o conto do João e o Pé de Feijão. Após a atividade do desenho com o tempo dentro do programado, apliquei a sondagem na escrita em Junior.

Julia ouviu a estória atenta. Após a leitura, iniciou a discussão sobre o que aconteceu ao final, levantando elementos da sua realidade, comparando com amigas e conhecidas sua. Junior ouviu a estória esboçando algumas reações de desaprovação ao que passava o personagem do conto.

Ao final do conto, entreguei uma folha sulfite para cada um e lancei a consigna para desenhar o que mais gostaram e o que menos gostaram da estória. Julia me pediu outra folha e ao terminar contou-me o que mais gostou foi do casamento da Branca de Neve - apontando os personagens desenhados - e o que menos gostou foi quando a personagem principal ao comer a maça acabou por engasgar. Junior pediu uma régua e com ela dividiu a folha em quatro partes (dizendo ser iguais), e construiu uma pequena síntese da história, dizendo que mais gostou foram: 1º Casa do João; 2º Ogro conversando com a mulher; 3º Castelo com três guardas; 4º O João e o pé de feijão e o Ogro caindo. Quando questionado do que não gostou, se negou a dizer, desenhando e entregando apenas sobre o que gostou do conto.

Na aplicação da sondagem da escrita, a escrita de Junior foi: FOIEA, REA, ELFT, TIEE, CAUOU

Frase: OELFTPEUOEFOIA

Junior também está no nível pré-silábico. Possui visão global. Usa para escrever qualquer letra em qualquer ordem. E apesar de repetir uma letra na frase, entregou a folha dizendo que sabia que tinha errado, mas “só a frase”.

Mediante analises as produções dos desenhos dos pacientes foram possíveis observar pobreza de contato com o objeto de conhecimento, interferindo diretamente ao esquema corporal e imagem corporal de ambos. Desta maneira, na quarta sessão, levei argila, jornal, pinceis e apresentei a consigna de produzir os personagens do conto de fadas com o material fornecido. Era visível que durante a sessão os pacientes estavam com comportamentos instáveis, Junior se recusou inicialmente, mesmo após começar, decidiu não

terminar a atividade, estava agressivo, apresentando ansiedade em terminar a atividade. Julia estava com aparente perda de peso e cansaço na sessão.

Após inúmeras tentativas sem sucesso de retorno a escola, órgãos de proteção à criança e ao adolescente junto da mãe optaram em transferir Junior de escola. Que na primeira semana foram para a sessão contando sobre o novo ambiente, suas perspectivas, atividades, novas amizades.

Na quinta sessão, os pacientes foram orientados para buscar suas respectivas atividades secas na argila e pintar com tintas, enfeitar. Julia e Junior trocaram cores, ao terminar sua atividade Julia se prontificou em ajudar o colega de sessão a terminar a sua atividade para aproveitar o restante do tempo para brincar jogando algum jogo. Junior nesse dia ensinou a Julia como se misturar cores para se formar outras.

Na sexta sessão foi solicitado que os pacientes deitassem sobre o papel Kraft para a realização do contorno dos seus corpos. Para realização da atividade, foi sugerido que um contornasse o outro. Terminado o processo apresentei-lhes a consigna: você irá preencher o espaço com o que está faltando no corpo. Junior não compreendeu a consigna. Foi repetida e com a ajuda de Julia que lhe deu um exemplo, ele foi capaz de entender a proposta. Então, com o auxílio de um espelho, os papeis foram pendurados ao lado para que ao se olhar no espelho, fossem capazes de preencher o que faltava no desenho. Com empobrecimento de informação, Junior terminou seu desenho, enquanto Julia anotou as partes que faltavam não escrevendo, mas optou pelo recurso de desenhar a parte faltante, ficou também desenhando detalhes pessoais de características suas, como colocação de brincos no desenho, pulseiras, colar.

Na sétima sessão Junior e Julia trouxeram fotos de várias fases da sua vida selecionadas junto de seus pais, junto da história de seu nome. Foi lhes apresentada a consigna: Conte a história do seu nome. Julia disse que antes da escolha do seu nome, seus pais teriam sugeridos outros, que para ela, eram mais bonitos que o seu. Junior disse não se lembrar da história de seu nome. Julia trouxe um álbum com diversas fotografias da fase de bebê até a idade que está, contando ao Junior o que gostava, fazia. Ele preferiu por não mostrar, após conversar com ele, mostrou cinco delas e descreveu cada uma delas com a mesma resposta: Eu, meu pai e minha mãe. Após a apresentação das fotos foi dada a consigna: desenhem a capa para o livro da sua história de vida. Julia utilizou de todo material disposto, deixando colorido seu desenho. Junior escreveu com as letras do seu nome o título da capa e colou uma foto sua com seus pais.

A oitava sessão foi de construção do álbum, colagem das fotos selecionadas. Eles utilizaram folhas de sulfites coloridas para colar; Julia decidiu guardar com ela seu álbum e Junior decidiu entregar a mãe. Num segundo momento, na brinquedoteca foi apresentada a consigna aos pacientes: quero que vocês brinquem. Ambos correram bastante por toda a brinquedoteca, em alguns momentos focavam em determinado brinquedo, mas com o objetivo de chamar o outro para ver e poder brincar juntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sujeitos que desenvolvem algum tipo de transtorno fóbico são em muitas vezes, definidos partindo de uma má compreensão de seus sintomas e pela presença do estigma, levando-os a serem mais suscetíveis ao bloqueio do desenvolvimento, individual, intelectual, e interacional.

Podemos observar que no atendimento clínico psicopedagógico, o processo de intervenção está interligada a um grupo multidisciplinar atuante na mediação do sujeito com o objeto de conhecimento durante seu desenvolvimento cognitivo e psicossocial.

As atividades interventivas desenvolvidas com os pacientes nos levam a considerar que são de extrema importância no que diz respeito a proporcionar ao sujeito espaços de interação consigo e com o outro, que o possibilita de construir novos esquemas de aprendizagem, auxiliando-o gradativamente na busca pelo conhecimento.

REFERÊNCIAS

Fernandez, A. (1991) A Inteligência aprisionada: Abordagem psicopedagógica clínica da criança e da família. São Paulo. Editora Artmed.

Fernandez, A. (1994) O saber em jogo: A psicopedagogia propiciando Autorias de Pensamento. São Paulo. Editora Artmed.

Fernandez, A. (2012) Atenção aprisionada. A Psicopedagogia da Capacidade Atencional. São Paulo. Editora Penso.

Ferreiro, E. & Teberosky, A. (1985) Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

Simão, I. (2012) Fobia Escolar. http://inessimaopsicologia.blogspot.com.br/2012/03/fobia-escolar.html Acessado em 05/06/2013 as 20:41.

Vygotsky, L.S. (1991) A formação social da mente. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.